

# FHC inaugura política para a África

Itamaraty aposta que viagem do presidente a Angola e África do Sul, que começa hoje, renderá negócios para o Brasil no futuro

Carlos de Lannoy  
Da equipe do Correio

África está em sexto lugar entre as 14 prioridades da política externa brasileira, enumeradas pelo chanceler Luiz Felipe Lampreia ao tomar posse. Em maio deste ano, os embaixadores africanos em Brasília chegaram a pensar que o Brasil os havia esquecido e pediram uma explicação ao ministro.

Em dois anos de governo, as viagens do presidente Fernando Henrique Cardoso obedeceram essa ordem de prioridades com bastante rigor: primeiro ele foi aos países do Mercosul, depois esteve como os vizinhos sul-americanos, em seguida foi aos três pólos de poder econômico mundial (Estados Unidos, União Européia e Japão), visitou um dos tigres asiáticos (Malásia), os países continentais (China e Índia) e somente agora vai ao encontro dos africanos.

Os embaixadores africanos temem que o Brasil esteja absorvido na conquista de novos mercados e na obsessão de vender mais para comprar mais. E que tenha esquecido a política dos anos 70, voltada para a cooperação com os países em desenvolvimento.

Em maio, Lampreia tranquilizou os embaixadores dizendo que as relações do Brasil com a África "continuam e continuarão a ser prioridade do governo brasileiro, como sempre foram".

## COMPROMISSO

Na viagem que inicia hoje a Angola e a África do Sul, Fernando Henrique deve mostrar aos parceiros africanos que a política externa brasileira mudou, está mais voltada para o interesse econômico, mas não esqueceu a parte amiga do continente que precisa de ajuda: a angolana.

"A viagem do presidente Fernando Henrique Cardoso é um crédito

de confiança ao governo angolano e dará visibilidade ao nosso compromisso com a paz em Angola", diz o embaixador José Vicente Pimentel, chefe do Departamento da África do Itamaraty.

Com a parte sul-africana é diferente. Ilha de desenvolvimento na região, o país passou os últimos cinquenta anos isolado do mundo. Com a democratização, em 1994, e o fim da política racista do *apartheid*, a África do Sul estabeleceu relações com grande parte do mundo e agora o Brasil pode encontrar ali um novo parceiro e um poderoso mercado.

## BALANÇO

Apesar das reservas de diamantes, petróleo e ouro, Angola só poderá ser um mercado atrativo quando tiver resolvido os conflitos internos.

O embaixador de Angola no Brasil, Osvaldo Van-Dunem, diz que apesar do pouco tempo que Fernando Henrique passará no país — pouco mais de um dia — "a viagem servirá para reforçar e estreitar ainda mais os laços e fazer um balanço do grau de cumprimento dos vários acordos entre Brasil e Angola".

Até hoje, inúmeros acordos de cooperação foram assinados entre os dois países, mas poucos deles foram implementados. As dificuldades em concluir o processo de paz no país, depois de uma guerra civil de mais de 20 anos, atrasaram os projetos, reconhece Van-Dunem.

Quando conseguirem a paz, os angolanos esperam atrair empresários brasileiros a investir na reconstrução de Angola. Na opinião de Van-Dunem, o Brasil poderia ser muito útil também na formação profissional de mão-de-obra.

"Se garantirmos o problema de educação vamos assegurar o problema comercial e financeiro. Se formos apenas para a corrida comercial não vamos resolver nada", acredita o embaixador angolano.

